



**DIZ QUE DISSE. A REPRESENTAÇÃO DO
DISCURSO
EM PRODUÇÕES ESCRITAS POR
APRENDENTES DE PLE**

Rosa Lília Coimbra

*Diz que disse. A representação do discurso
em produções escritas por aprendentes de PLE*

*He said, reportedly. Speech presentation
in written productions by PFL learners*

Resumo: Nesta pesquisa, pretendeu-se estudar a redação do relato de discurso e do pensamento reportado em textos escritos por aprendentes de Português Língua Estrangeira (PLE). Nesse sentido, analisámos um *corpus* de um total de 60 produções escritas por informantes de língua materna chinesa e polaca, sobre experiências de vida, procurando-se a presença de discurso reportado, endofásico e exofásico, e respetivas características. As produções dos falantes de nível elementar foram confrontadas com as dos de nível independente e proficiente quanto ao tipo de discurso reportado, à configuração enunciativa do relato e à variedade de verbos *dicendi*. Os dados apontam para diferenças relacionadas com a língua materna dos aprendentes, mas, sobretudo, com o seu nível de proficiência linguística.

Palavras-chave: discurso reportado, PLE, verbos *dicendi*, narrativa.

Abstract: In this research, we study speech and thought presentation in texts written by Portuguese as a Foreign Language (PFL) learners. For this purpose, we analysed a corpus of 60 written productions by Chinese and Polish native speakers, about their life experiences, looking for the presence of endophasic and exophasic reported speech and its characteristics. The productions of elementary level speakers were compared with those of independent and proficient speakers regarding the type of reported discourse, the enunciative configuration of the report and the variety of *dicendi* verbs. The data point to differences related to the learners' mother tongue, but mainly to their level of language proficiency.

Keywords: speech presentation, PFL, *dicendi* verbs, narrative.

Introdução

Na comunicação verbal, não raras vezes surge a necessidade de reportar palavras pertencentes aos mais diversos atos de enunciação passados, presentes, futuros ou mesmo hipotéticos. Deste modo, a fala, a escrita ou o pensamento de alguém é evocado e retransmitido, de uma forma mais ou menos fiel, através de um processo pelo qual um discurso citante inclui intertextualmente um discurso citado, de uma forma que pode ser mais ou menos explícita:

A intertextualidade explícita [...] ocorre quando no próprio texto se faz menção à fonte do intertexto e, ainda, quando um texto é citado e atribuído a outro enunciador [...]. É esse tipo de intertextualidade que interessa ao estudo aqui proposto, uma vez que focalizamos uma estratégia linguística que remete à operação do discurso citado. (Corbari & Ramos, 2018, p. 2908)

As duas ocorrências comunicativas, citante e citada, são, na terminologia de Leech & Short (2007, p. 256) designadas respetivamente por situação discursiva primária e situação discursiva secundária. Esta presença de outras vozes no enunciado de um locutor, uma forma de polifonia ou heterogeneidade discursiva, não pode ser ignorada, uma vez que

Todo e qualquer dizer carrega a voz do outro, vozes outras que, consciente ou inconscientemente, constituem o dizer de cada um: não há palavras que não remetam a outras palavras, já pronunciadas, num contexto e num momento diferentes, combinadas a outras ou a parcelas de palavras, formando outras e assim indefinidamente. (Coracini, 2017, p. 1956)

No processo de reportar o discurso, o locutor aciona uma série de complexas operações de descontextualização da mensagem do seu cotexto e contexto originais e “recontextualiza-a” num novo ambiente discursivo (Günthner, 1999, p. 686).

A nova contextualização da mensagem, o recorte que dela é feito, a opinião que o citante tem sobre o citado, bem como a interpretação que o citante faz das palavras ou pensamentos reportados, fazem com que esta retransmissão traga necessariamente a marca do enunciador presente, num processo que configura a sua representação do discurso reportado. O maior ou menor distanciamento em relação ao discurso original pode, deste modo, acarretar, em variados graus, alterações, quer de conteúdo, quer, sobretudo, de forma.

Graciela Reyes (1995, p. 12) defende isto mesmo quando afirma que

todas las citas tienen como rasgo común el hecho de ser representaciones de discurso. Esto quiere decir que entre el texto citado y el texto citador hay siempre alguna relación de semejanza, en todos o en algunos de los rasgos del texto; puede haber, por ejemplo, semejanza en la forma, o en el contenido, o en el tipo de implicaciones producidas. / Un

texto citado es, pues, una imagen de otro: lo representa como si fuera una fotografía, un dibujo, o una grabación. Pero esa imagen, [...] no es nunca completa, y rara vez fiel.

Os aprendentes de uma língua estrangeira são frequentemente confrontados com tarefas de redação de textos sobre experiências próprias, nos quais reportam situações de comunicação por eles experienciadas ou testemunhadas, geralmente utilizando discurso indireto (DI) ou discurso direto (DD). Estas situações de comunicação fazem, pois, intervir na produção linguística uma pluralidade de vozes:

Dans le discours rapporté, il y a toujours imbrication de deux cadres énonciatifs, celui du discours citant et celui du discours cité. Il faut ainsi prendre en compte d'une part la relation entre locuteur citant et locuteur cité et d'autre part entre les interlocuteurs de l'interaction en cours. (Moreno, 2014, p. 1686)

No estudo de que aqui damos conta, sobre redações acerca de vivências pessoais, tipicamente teremos uma situação em que produções escritas selecionam, evocam e integram outras situações de comunicação, geralmente orais e cronologicamente anteriores.

O objetivo da presente pesquisa é o de observar a ocorrência ou não de uma evolução no domínio destas curtas sequências textuais dialógicas inseridas em textos escritos por falantes de Português Língua Estrangeira (PLE) com diversos níveis de proficiência linguística.

1. Breves considerações teóricas sobre os parâmetros em análise

1.1. A escrita e a oralidade

Tradicionalmente, era comum dividirem-se as produções linguísticas numa dicotomia escrito vs. oral e apontarem-se uma série de características distintivas, em que na oralidade, ao contrário da escrita, se verificaria: a copresença dos interlocutores no mesmo contexto, a simultaneidade da emissão-receção da mensagem, a facilidade de alternância de papéis, o discurso volátil, espontâneo e irreversível, uma sintaxe simplificada, frases inacabadas, repetições e outras disfluências, léxico fundamental, recurso a entoação, pausas, etc. (ver, por exemplo Oliveira, 1995, p. 12). Este tipo de caracterização é, obviamente, demasiado simplificado, assumindo apenas as situações de comunicação mais típicas e anteriores ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação. Podemos, de facto, encontrar incontáveis exemplos que contradizem cada uma das distinções: há textos orais sem a presença dos intervenientes no mesmo contexto espacial (uma conversa telefónica, p. ex.); há textos escritos sem intervalo temporal entre emissão e receção (as frases que o professor escreve

no quadro durante a aula ou o orador durante a conferência, p. ex.); o discurso oral nem sempre é volátil (pode ser gravado); nem sempre a alternância emissor-recetor é assim tão demorada e complicada na comunicação escrita (pensemos nos grupos de discussão na Internet, p. ex.), etc.

O que, de facto, marca a diferença entre os dois códigos é a espontaneidade do oral face à reflexão permitida na composição da mensagem escrita. A mensagem oral é tipicamente poligerada (Silva, 2012, p. 170) de uma forma dinâmica e imediata, ao contrário do que acontece com a escrita. No entanto, tal espontaneidade nem sempre verifica. De facto, ela não subjaz a enunciados orais previamente preparados, como acontece com os atores que ensaiaram previamente o que estão a representar, nem a transmissões orais de textos previamente escritos, como as que fazem os locutores que leem o teleponto nos jornais televisivos ou radiofónicos. A espontaneidade normalmente é notória, de tal modo que o recetor se apercebe dos momentos em que o locutor improvisa um comentário da sua própria autoria. Não há, no entanto, uma separação nítida entre as várias situações. Marques (1996, p. 252-253) distingue três tipos de oralidade: oral espontâneo; oral preparado; escrito oralizado. Esta tipologia tripartida atende, segundo a autora, essencialmente ao processo de emissão do oral, e não à sua receção. A estas situações de comunicação transmitida através de um meio sonoro, acrescentaríamos nós mais três possibilidades em que ela é transmitida através de um meio gráfico: o oral transcrito, em que uma mensagem concebida oralmente é transcrita para um suporte gráfico e, assim, chega visualmente ao recetor (ex. os textos do género entrevista que lemos em jornais e revistas, fruto da transcrição da gravação dos enunciados orais do entrevistado); o escrito quase-espontâneo ou pelo menos pouco preparado, que apresenta características linguísticas oralizantes (ex. as mensagens SMS dos telemóveis, os *chats* da Internet, os bilhetinhos escritos à pressa, etc.) e finalmente o escrito preparado (ex. romances, teses, cartas de reclamação, etc.). Assim, atendendo aos processos de emissão e receção das mensagens, propomos o seguinte esquema, em que encontramos um *continuum* entre escrita e oralidade, e não uma fronteira bem demarcada entre dois códigos opostos³⁰:

³⁰ O esquema atende fundamentalmente à transmissão da mensagem verbal. Resta acrescentar que, em mensagens multimodais, diversos tipos de comunicação podem coexistir.

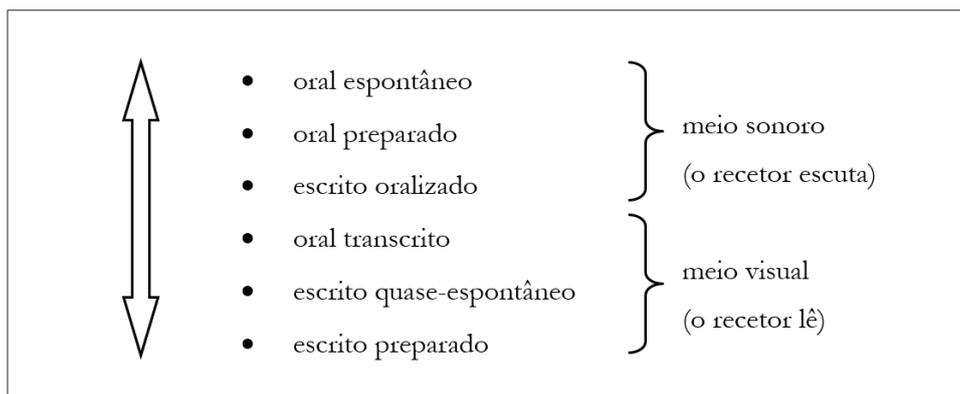


Figura 1 – O *continuum* oralidade/escrita (fonte: Coimbra, 2009, p. 24)

Em todas as situações de comunicação apresentadas na figura 1 pode ocorrer a representação do discurso e o relato de um determinado enunciado pode percorrer várias etapas (ex. “Eu li numa entrevista que ele disse que tinha escrito um texto em que...”).

No caso da presente pesquisa, interessou-nos analisar redações escritas pelos aprendentes de PLE, pelo que o *corpus* é todo ele escrito preparado. Nestas produções, quando um texto narrativo inclui sequências dialogais, é vulgar o escritor introduzir propositadamente marcas de oralidade, como interjeições e elipses, a fim de conferir mais verosimilhança ao discurso das personagens. No caso de relatos reais, a transmissão mais fiel de um discurso de fonte oral poderá também conter tais marcas.

1.2. Os tipos de discurso reportado

Tradicionalmente, trabalhavam-se com os alunos dois tipos de discurso reportado, centrando-se a análise sobretudo nos aspetos relativos às estruturas sintáticas das construções (Carvalho & Nascimento, 2019, p. 254). O destaque era dado ao discurso direto e indireto e à transposição do primeiro para o segundo.

No discurso indireto, o enunciado original é adaptado à nova situação de comunicação, expresso pelo ponto de vista e pelas palavras do sujeito relator. No discurso direto, um simulacro das palavras originais, ou seja, do enunciado secundário, é transmitido, supostamente mantendo os mesmos tempos e modos verbais, bem como todas as orientações déicticas originais. No entanto, considera-se um simulacro, pois nada garante a fiabilidade total da memória do locutor responsável pelo discurso citante:

Embora haja, frequentemente, casos em que o relato reproduz o discurso original, a reprodução em DD é, sobretudo, um processo de *evocação*. O DD como reprodução é mera idealização. Raramente reproduz particularidades fonéticas, especificidades de pronúncia, hesitações, pausas, *lapsus linguae*. Entre o discurso citado por meio de DD e o original, às

vezes só o significado é comum e a recriação é completa, apesar de se aspirar a um máximo de autenticidade. É em função, frequentemente, de estratégias argumentativas dependentes das intenções do relator que o DD adquire contornos mais ou menos miméticos. E isto acontece quer no discurso de personagens incluído na narrativa de ficção, quer na conversa quotidiana e informal, quer no discurso de imprensa. (Duarte, 1999, p. 60)

Para além do discurso direto e indireto, existem mais possibilidades para reportar mensagens. Embora ao longo do tempo tenham sido propostas diversas tipologias³¹, tem-se destacado, por exemplo, a de Leech & Short (2007, primeira edição datada de 1981), em que se apontam cinco tipos de discurso reportado, num *continuum* que vai de um aparente não controlo do narrador (ou enunciador primário) a um controlo total, e que aqui se apresentam resumidamente no quadro 1. Saliente-se que estas são diversas formas alternativas de transmitir um simulacro do discurso relatado, já que “contrariamente aos ensinamentos da tradição escolar, - o DD não reproduz com exactidão o discurso que relata; - DD e DI não são deriváveis um do outro, mas são formas alternativas de relatar palavras” (Duarte, 1999, p. 470).

³¹ Não nos ocuparemos aqui da questão destas tipologias escalares, algumas, bastante detalhadas. Duarte (1999, pp. 215-216), por exemplo, apresenta a seguinte proposta: -DDL;/ -DD;/ -DIL;/ -DI: (i) citações “repetitivas”; (ii) discurso indirecto encoberto; (iii) DI “pictórico” ou impressionista; (iv) DI canónico;/ - formas mais difusas de citação: (i) discurso disperso na narração; (ii) modalização autonímica; (iii) ironia; (iv) alusão; (v) eco e perguntas-eco; (vi) conflitualidade: negação e morfemas argumentativos; (vii) condicional de alteridade enunciativa.

A representação do discurso no texto narrativo (Leech & Short, 2007)				
Aparente não controle do narrador	Aparente controle parcial do narrador			Aparente controle total do narrador
DDL	DD	DIL	DI	RNAF
Discurso direto livre	Discurso direto	Discurso indireto livre	Discurso indireto	Relato narrativo de ato de fala
“Voltarei aqui amanhã para te visitar”	Ele disse: “Voltarei aqui amanhã para te visitar”.	Ele voltaria lá no dia seguinte para a visitar.	Ele disse que voltaria lá no dia seguinte para a visitar.	Ele prometeu voltar.
– palavras originais;	– palavras originais;	– palavras do narrador;	– palavras do narrador;	– relata apenas que ato de fala foi realizado;
– sem oração introdutória e/ou sem destaque gráfico.	– destaque gráfico e oração introdutória.	– sem oração introdutória.	– oração introdutória.	– útil para resumir partes da conversação.

Quadro 1 – Os tipos de representação do discurso (quadro elaborado de acordo com a informação presente em Leech & Short, 2007, pp. 255-261, nossa tradução e adaptação)

Os autores salientam que, na oralidade, porém, as formas de discurso (ou pensamento) reportado mais utilizadas são o direto e o indireto. No primeiro caso, usa-se um *verbum dicendi* (verbo introdutor do discurso) e uma frase fragmentada. No segundo, coloca-se, depois do *verbum dicendi*, o conector de subordinação e fazem-se alterações na subordinada em relação à frase original. Estas alterações são complexas e afetam vários elementos da frase. Delas não nos ocuparemos na presente pesquisa, mas apenas de aferir que tipos de discurso reportado surgem preferencialmente nos textos dos nossos informantes. Também não nos debruçaremos sobre as estratégias utilizadas pelos reportadores em situação de comunicação oral³², já que o nosso *corpus* é escrito.

As categorias presentes no quadro 1, aplicam-se, de forma similar, à apresentação do pensamento:

The categories available to the writer in presenting the thoughts of his characters are the same as those for the presentation of speech, and are distinguished from one another by similar means. (Leech & Short, 2007, p. 272)

³² Em comunicação oral, por exemplo, o destaque gráfico (dois pontos e abrir aspas; parágrafo e travessão) é substituído por alterações no tom de voz: “O DDL é também recorrente na oralidade sobretudo quando há vontade expressa de representar um diálogo sob a forma pergunta-resposta. Partilha com outras formas de relato a capacidade de se evidenciar pela alteração de tom” (Ferreira & Silva, 2018, p. 64).

No presente trabalho, consideraremos a totalidade das ocorrências de discurso exofásico (externo, discurso audível) e endofásico (interno, pensamento) que encontrarmos no *corpus* em apreço, pelo que, quando na análise dos dados referirmos o conceito de discurso reportado, o encaramos neste sentido mais global.

1.3. As configurações do discurso reportado: proposta de uma tipologia

Sempre que dentro de um discurso se evoca um outro discurso, cria-se uma complexa rede de vozes, em que diversas possibilidades podem ocorrer, já que “o discurso relatado permite a um locutor reproduzir, de diversos modos, outro discurso (de outro locutor ou de si próprio) a um alocutário, que pode coincidir ou não com o locutor original” (Ferreira & Silva, 2018, p.61).

Várias pesquisas estudaram os processos de transposição deíctica entre diversas situações de comunicação no discurso indireto, no que respeita à deíxis pessoal. Reyes (1995, pp. 36-37), por exemplo, define as seguintes quatro regras de transposição: se o falante e o ouvinte não coincidem, os pronomes de primeira e segunda pessoa passam para a terceira pessoa; se o falante e o ouvinte coincidem, os pronomes não se alteram; se o falante passou a ser o ouvinte, a primeira pessoa passa para a segunda; se o ouvinte passou a ser o falante, a segunda pessoa passa para a primeira.

Duarte (1999, pp. 487-488), por sua vez, propõe as seguintes cinco regras ilustradas pelos exemplos que a seguir se transcrevem:

- 1). Se o locutor e o alocutário da primeira enunciação não coincidem com o Locutor e o Alocutário da enunciação citadora, os pronomes pessoais de 1.^a e 2.^a pessoas passam para 3.^a, na transposição para DI (ex.: *O Pedro disse à Rita: - Vou esperar-te. / O Pedro disse à Rita que a ia esperar.*).
- 2). Se o locutor e o alocutário da enunciação citada coincidem com o Locutor e o Alocutário da enunciação citadora, os pronomes pessoais não mudam (ex.: *Eu bem te disse: - Não cases comigo. / Eu bem te disse que não casasses comigo.*).
- 3). Se o Locutor da enunciação citadora é o alocutário da primeira enunciação, o pronome de 1.^a pessoa passa para 2.^a (ex.: *Tu disseste: - Eu não vou. / Tu disseste que não ias.*).
- 4). Se o locutor da primeira enunciação coincide com o Alocutário da enunciação relatora, o pronome de 2.^a pessoa passa a 1.^a (ex.: *Tu disseste-me: - És única para mim. / Tu disseste-me que eu era única para ti.*).
- 5). Se o Locutor da enunciação relatora não estiver presente na primeira enunciação, mas for a 3.^a pessoa acerca da qual o locutor dessa enunciação diz algo ao respetivo alocutário, a 3.^a pessoa passa a primeira (ex.: *A Rita disse à Teresa: - Ele não está a ouvir nada. / A Rita disse à Teresa que eu não estava a ouvir nada.*).

A autora, no entanto, não deixa de salientar que, como já aqui referido, DD e DI são formatos de citação alternativos, independentes, não deriváveis um do outro.

Na presente pesquisa, interessou-nos observar a situação de comunicação citada em relação à situação de comunicação citante. Não contemplámos a questão dos deícticos espaciais, nem dos deícticos temporais, uma vez que, tratando-se de questões muito complexas, tal implicaria alargar demasiado o âmbito deste artigo. Assim, centrámos o foco da pesquisa na observação das diversas possibilidades de manutenção vs. alteração de papéis por parte dos interlocutores.

Enquanto a situação de comunicação primária apresenta um locutor, que se autorrefere na primeira pessoa (P1) e se dirige a um alocutário na segunda pessoa (P2), a situação de comunicação secundária, reportada, pode apresentar uma pluralidade de possibilidades. De facto, o locutor P1 pode reportar ao alocutário P2 uma comunicação do próprio P1, de P2 ou de uma terceira pessoa (P3), e cada um destes pode ter comunicado consigo próprio ou com qualquer um dos outros. Ao todo, considerando todas as combinatórias de locutores e de direções das trocas linguísticas, chegamos à conclusão de que haverá dez possibilidades diferentes no que toca à configuração dos intervenientes no enunciado secundário tal como encaradas sob o ponto de vista do enunciador primário. Na figura 2, propomos um esquema em que, dentro do retângulo, se encontram as dez possibilidades atrás referidas, relativas à situação secundária, e, no exterior do retângulo, a situação primária. No quadro 2, fornecemos um exemplo para cada uma das referidas dez possibilidades. Trata-se de excertos de obras literárias nos quais encontramos discurso reportado, que selecionámos do *corpus online* Projeto AC/DC: corpo Colonia (2021)³³. Para tal, fizemos uma pesquisa na base de dados *online*, com verbos *dicendi*, e escolhemos, para cada categoria, um exemplo que considerámos bem ilustrativo. A pesquisa destas ocorrências textuais em textos narrativos literários é relevante na medida em que os aprendentes de língua estrangeira têm geralmente, na literatura dessa língua, exemplos mentores, muitas vezes incluídos, em forma de excertos, em materiais de aprendizagem.

³³ Este *corpus*, desenvolvido na Universidade de Colónia (Köln), contém 52 obras de autores brasileiros e 48 obras de autores portugueses entre os séculos XVI e XX (Zampieri & Becker 2013).

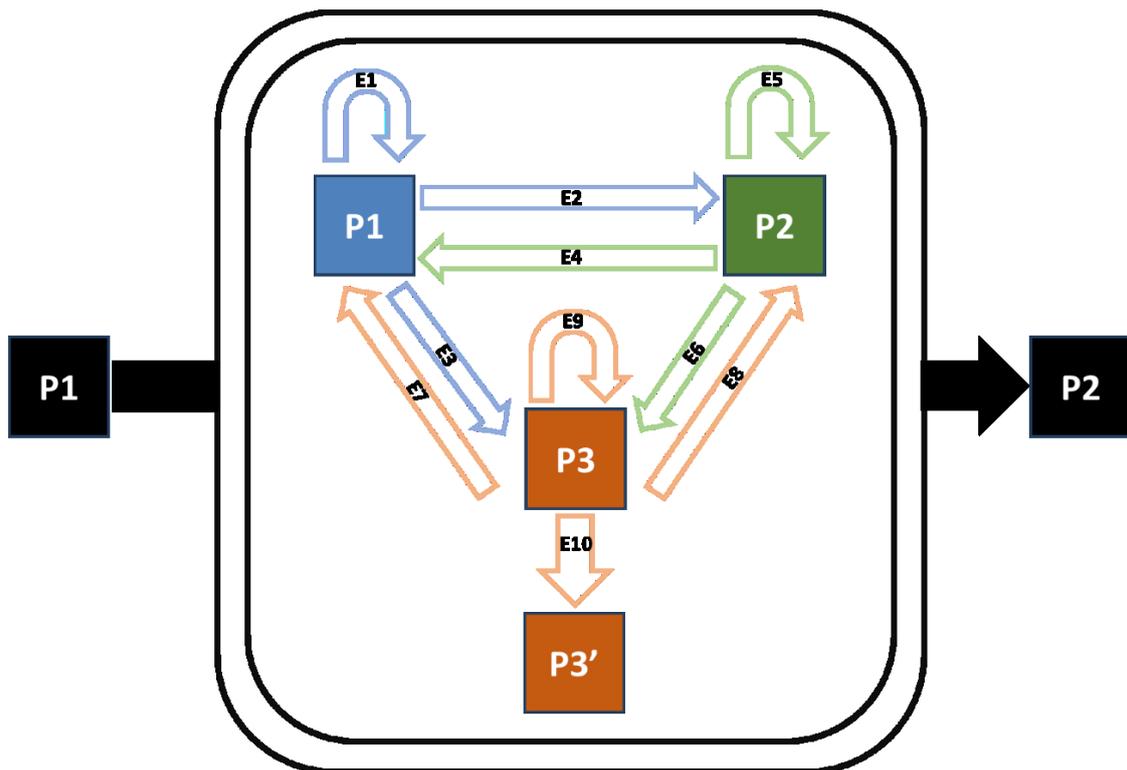


Figura 2 – As diferentes vozes que podem ser evocadas no discurso reportado (fonte: própria)

Enunciado reportado (secundário)	Configuração	Exemplos
E1 (eu⇒eu)	Eu disse para comigo	Agora sim, começará o nosso telégrafo a trabalhar, disse eu comigo mesmo , erguendo-me para tornar-me mais saliente. (Joaquim Manuel de Macedo, <i>A Moreninha</i>)
E2 (eu⇒tu)	Eu disse-te	Eu disse-te logo: “há uma coisa que te quero contar...” (Eça de Queiroz, <i>Os Maias</i>)
E3 (eu⇒ele)	Eu disse-lhe	Eu achequei-me ao doente, perguntei-lhe se sentia alguma coisa, se queria tomar um cálice de vinho. (Machado de Assis, <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>)
E4 (tu⇒eu)	Tu disseste-me	Vem cá; disseste-me aí uma palavra absurda, e é preciso que me digas outra com que expliques a primeira. (Machado de Assis, <i>Iaiá Garcia</i>)
E5 (tu⇒tu)	Tu disseste para contigo	Se pensas que o almoço foi amargo, enganas-te. (Machado de Assis, <i>Dom Casmurro</i>)
E6 (tu⇒ele)	Tu disseste-lhe	Moleque, vai ali a casa daquele reformado e pergunta-lhe se a filha tem passado melhor. (Machado de Assis, <i>Quincas Borba</i>)

E7 (ele⇒eu)	Ele disse-me	pegou em mim, levou-me ao quarto dela, acendeu vela, e ordenou-me que lhe dissesse tudo. (Machado de Assis, <i>Dom Casmurro</i>)
E8 (ele⇒tu)	Ele disse-te	pela raiva com que lhe ficou, deduzi que a rapariga deve ser bonita... –A Pedrosa disse-te isso? (Júlia Lopes de Almeida, <i>A Intrusa</i>)
E9 (ele⇒ele mesmo)	Ele disse para consigo	E pensou lá de si para si : “Os meus setenta mil-réis voltar-me-ão à gaveta.” (Aluísio Azevedo, <i>O Cortiço</i>)
E10 (ele⇒ele outro)	Ele disse-lhe	E, já sem indícios de gracejo, aconselhou-o a que frequentasse a casa com mais assiduidade (Aluísio Azevedo, <i>Casa de Pensão</i>)

Quadro 2 – Nossa proposta de configurações dos enunciados secundários do discurso reportado (cf. figura 1) ilustradas com exemplos do *corpus* Colonia (fonte: própria)

As configurações E1, E2 e E3 dizem respeito a atos de autocitação, nos quais o locutor presente evoca as suas próprias palavras, dirigidas respetivamente a si próprio³⁴, ao interlocutor presente ou a uma terceira entidade³⁵. As configurações E4, E5 e E6 ocorrem sempre que o locutor presente evoca, respetivamente, o discurso que o seu interlocutor lhe terá dirigido, terá dirigido a si próprio ou a uma terceira entidade. As configurações E7 a E10 correspondem a atos de relato de discurso da responsabilidade de uma terceira entidade dirigidos respetivamente ao locutor presente, ao locutário presente, a si próprio ou a uma outra entidade.

Resta ainda acrescentar que estas configurações podem surgir encaixadas umas nas outras, numa recursividade teoricamente infinita (“Ele disse-me que tu lhe dissesse que ela tinha dito que...”).

Esta tipologia de dez configurações enunciativas (E1 a E10) das sequências textuais de discurso reportado, por nós aqui proposta na figura 2 e quadro 2, constituirá, portanto, o segundo parâmetro com o qual o *corpus* selecionado para a presente pesquisa será analisado e classificado.

³⁴ A autocitação de tipo E1 acontece, por exemplo, quando o locutor evoca o seu próprio pensamento, as suas meditações, o seu discurso interior. Pode ainda abarcar a noção de autocitação fictiva, “ou seja, a possibilidade de se conceptualizar um cenário em que o falante afirma ter dito algo que sugere apenas pensamento e não necessariamente fala” (Rocha, 2014, p. 64).

³⁵ Saliente-se que “do ponto de vista interacional, o discurso direto em primeira pessoa mostra-se como um produtivo recurso de manutenção, constituição e consolidação de *face*, nos termos goffmanianos”. [...] reiterar a própria fala só se torna útil quando essa fala pode trazer algum tipo de benefício para a *face* construída” (Rocha, 2003, p. 254).

1.4. Os verbos *dicendi* utilizados no discurso reportado

Os verbos *dicendi*, elocutivos, de comunicação, introdutores de relato ou declarativos³⁶ designam atividades verbais dos locutores com o objetivo de transmitir uma mensagem. Estes verbos têm sido objeto de diversos estudos e de várias propostas de descrição tipológica. Note-se, contudo, que

nem todos os verbos introdutores de discurso relatado são *verba dicendi*. Também introduzem relato verbos de opinião, de consciência, de sentimento, entre outros. Introduzem igualmente relato verbos que só são considerados de comunicação em contexto de interlocução como: *começar, concluir, acrescentar, interromper* ou alguns verbos usados metaforicamente no discurso literário, como *mugir* ou *rosnar*, que acrescentam valores conotativos ao “dizer”. (Duarte, 2001, p. 128)

Uma das tipologias mais revisitadas continua a ser a de Leech (1983, pp. 212-214), de base essencialmente pragmática, fundamentada na teoria dos atos de fala de Searle, apresentando dois grandes grupos de verbos de relato. No grupo dos verbos de atos de fala, encontram-se: os verbos descritivos do conteúdo, por sua vez divididos em verbos perlocutórios (ex. *persuadir*), ilocutórios – abrangendo os assertivos (ex. *afirmar*), diretivos (ex. *pedir*), comissivos (ex. *prometer*), expressivos (ex. *agradecer*) e rogativos (ex. *perguntar*) – e locutórios (ex. *descrever...como*); os verbos neutros (ex. *dizer*); e os verbos foneticamente descritivos (ex. *murmurar*). O grupo de verbos que não exprimem atos de fala, mas que estão relacionados com os anteriores, abarca: o grupo dos verbos descritivos do conteúdo, que incluem outros verbos causativos (ex. *divertir*), verbos psicológicos – por sua vez divididos em creditivos (ex. *acreditar*), volitivos (ex. *desejar*), atitudinais (ex. *perdoar*) e dubidativos (ex. *interrogar-se*) – e verbos cognitivos (ex. *classificar*); e os verbos de “ruído” (ex. *ladrar*).

Uma outra tipologia também muito citada, e que constitui uma das grandes referências particularmente utilizada em estudos descritivos com base em *corpus* (Freitas, 2016), é a de Levin (1993, pp. 202-212), referente ao que a autora denomina de verbos de comunicação, ou seja, verbos relacionados com comunicação e transferência de ideias. A tipologia contempla inclusivamente uma categoria de verbos de instrumento de comunicação (ex. *telefonar, telegrafar*).

³⁶ Entre estas designações podem-se encontrar algumas distinções: “para a maioria dos manuais e gramáticas, os verbos *dicendi* são os verbos de dizer propriamente ditos, isto é, verbos que indicam a elocução e cujo complemento direto é o conteúdo do que se diz. [...] / Em português, a maioria das pesquisas académicas trata dos “verbos de elocução”, cuja definição, para Moura Neves, é “verbos introdutores de discurso [...]”. Os verbos de comunicação correspondem a qualquer verbo relacionado à comunicação ou à fala, independentemente de haver algo sendo relatado.” (Freitas, 2016, p. 15).

Maria Helena de Moura Neves (2000, pp. 47-53), por sua vez, estabelece duas grandes distinções dentro da classe dos verbos de elocução e apresenta interessantes tabelas nas quais caracteriza cada um destes verbos quanto aos tipos de discurso que podem introduzir e a todas as formas de complemento que admitem. A primeira grande categoria é a dos verbos de dizer ou verbos *dicendi*, ou seja, verbos de ação cujo complemento é o conteúdo do que se diz (ex. *afirmar, destacar, responder*). A segunda grande categoria abarca verbos que introduzem discurso, mas não necessariamente indicam atos de fala (ex. *ameaçar, apelar, desiludir*) e divide-se em verbos que instrumentalizam o que se diz (indicam ações realizadas com o uso de um instrumento, que pode consistir em um dizer) e verbos que circunstanciam o que se diz (expressam uma ação ou um processo que pode realizar-se ao mesmo tempo que o dizer).

Uma tipologia posterior, com um total de quinze categorias de verbos *dicendi*, é proposta por Paulina Brunetti (2009, *apud* Nigro & Tonelli, 2013, pp. 41-42) e tem sido utilizada nomeadamente em pesquisas sobre discurso relatado em textos jornalísticos. Inclui quinze categorias de verbos: de opinião (ex. *opinar, considerar*), de valoração positiva (ex. *aplaudir, celebrar*), de valoração negativa (ex. *criticar, censurar*), declarativos (ex. *responder, comunicar*), de maneira de dizer (ex. *gemit, gritar*), de ordem ou mandato (ex. *ordenar, proibir*), de petição ou rogo (ex. *suplicar, solicitar*), declarativos com valor prospectivo (ex. *anunciar, prometer*), que indicam a verdade ou a falsidade do discurso citado (ex. *confirmar, contradizer*), que situam o discurso citado na orientação argumentativa (ex. *concluir, defender*), que inscrevem o discurso citado numa das diversas formas de narrar (ex. *contar, confessar, resumir*), que exprimem sentimento (ex. *lamentar, admirar-se*), que se referem a modos de conversar (ex. *discursar, cumprimentar*), que se referem a processos intelectuais (ex. *recordar, meditar*), que se referem à poesia (ex. *versificar, recitar*).

Os verbos de elocução são na verdade muito numerosos, tendo a pesquisa apresentada em Costa & Freitas (2017) e Freitas (2016) compilado mais de três centenas destes verbos em português. Seja qual for a tipologia adotada para os descrever e agrupar, surgirão certamente situações em que a classificação se tornará difícil, dado que os verbos não são todos prototipicamente centrais numa categoria e que as fronteiras entre elas não são estanques. Afastando-se do centro prototípico, surgirão inevitavelmente dificuldades, como é o caso de verbos como *gritar*, que tanto pode exprimir um ato de fala, quando alguém grita dizendo algo, como pode constituir um ato não ilocutório, quando se grita simplesmente emitindo um som forte agudo não verbal (Faber & Sanchez, 1990 p. 23). E há ainda a dificuldade proveniente da ocorrência de polissemia, que pode levar a que o mesmo verbo,

em contextos diferentes, possa transmitir atos de fala diversos, podendo as diferentes aceções integrarem diferentes categorias classificatórias.

2. *Corpus* e metodologia

Na prossecução do nosso objetivo, analisámos um *corpus* de 60 textos escritos por aprendentes de PLE. Todas estas produções foram extraídas do *corpus online* de acesso aberto PEAPL2, *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (Martins *et al.*, 2019)³⁷, sendo 32 textos escritos por informantes chineses e 28 por informantes polacos. Escolhemos estas duas línguas maternas por serem ambas distantes do português e pelo facto de, no referido *corpus*, apresentarem um equilíbrio entre o número de textos provenientes de informantes iniciantes e de informantes mais proficientes, já que nos interessa comparar o desempenho conforme o nível linguístico. Na diferenciação do nível de proficiência linguística, os informantes deste *corpus* encontram-se classificados de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL), o qual é bastante consensual:

Na verdade, parece existir um consenso generalizado (ainda que não universal) sobre o número e a natureza dos níveis apropriados à organização da aprendizagem das línguas e a um reconhecimento público dos resultados. Por isso, parece que um Quadro de Referência com seis níveis gerais abrange integralmente o espaço da aprendizagem pertinente para os aprendentes europeus de línguas. (Conselho da Europa, 2002, p. 48)

No quadro 3, apresentam-se estes seis níveis gerais e perfis de utilizadores correspondentes.

A - Utilizador elementar	A1 - Nível de iniciação
	A2 - Nível elementar
B - Utilizador independente	B1 - Nível limiar
	B2 - Nível vantagem
C - Utilizador proficiente	C1 - Nível de autonomia
	C2 - Nível de mestria

Quadro 3 – Os níveis do QECRL (fonte: quadro elaborado de acordo com a informação disponível em: Conselho da Europa, 2001, pp. 49-52)

³⁷ Este projeto tem como objetivo principal a recolha de textos produzidos por aprendentes não nativos, os quais podem ser descarregados gratuitamente, a fim de possibilitar o apoio à investigação em aquisição/aprendizagem da língua estrangeira, neste caso o português, bem como a formação de professores e a produção de materiais didáticos (Araújo & Trabulo, 2014, pp. 11-12).

Nos gráficos 1 e 2, apresentam-se os níveis do QECRL nos quais se inserem os textos selecionados para a presente análise, por língua materna, sendo o gráfico 1 referente aos informantes chineses e o gráfico 2 aos informantes polacos. Nos gráficos 3 e 4, apresentam-se os níveis QECRL da totalidade da amostra, apresentando o gráfico 3 todos os níveis presentes na amostra e o gráfico 4 a distribuição da amostra por dois grupos, o dos informantes de nível elementar (A) vs. os informantes dos níveis independente e proficiente (B e C). O objetivo desta distribuição é o de aferir, passando o nível elementar, que melhorias eventualmente se observam no domínio da representação do discurso nos textos destes aprendentes.

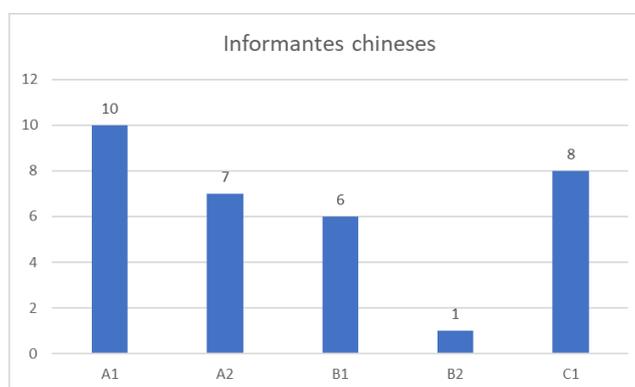


Gráfico 1 – Níveis do QECRL nos quais se inserem os textos da amostra, por língua materna (frequências absolutas dos textos de informantes chineses)

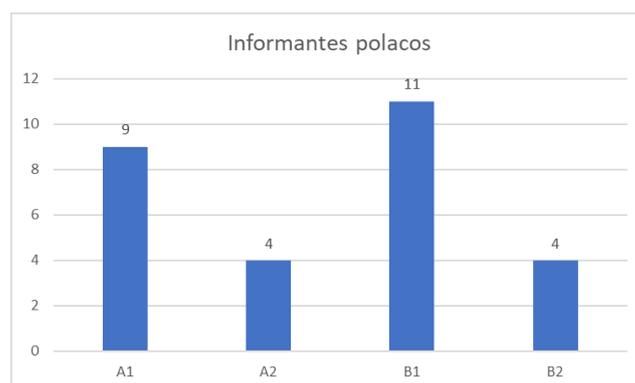


Gráfico 2 – Níveis do QECRL nos quais se inserem os textos da amostra, por língua materna (frequências absolutas dos textos de informantes polacos)

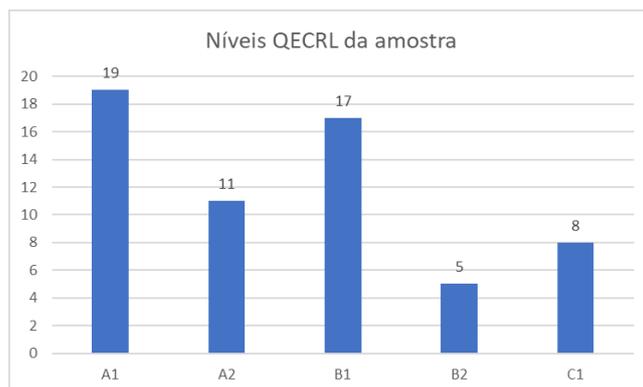


Gráfico 3 – Níveis do QECRL nos quais se inserem os textos da amostra (frequências absolutas de todos os níveis)

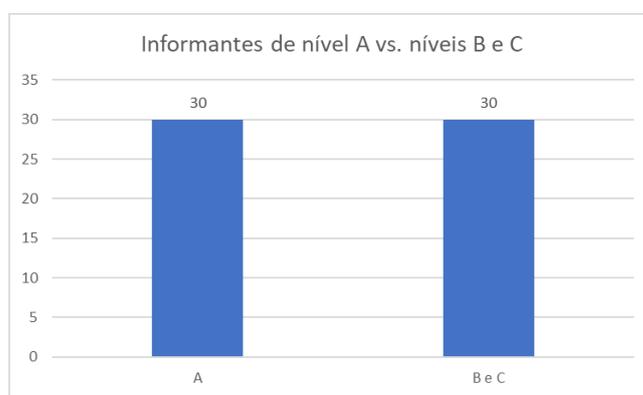


Gráfico 4 – Níveis do QECRL nos quais se inserem os textos da amostra (frequências absolutas dos níveis A vs. níveis B e C)

Partindo da divisão da amostra de acordo com o gráfico 4, foram observadas as diferenças entre os dois grupos de informantes – informantes de nível elementar vs. informantes de nível independente e proficiente – quanto ao domínio do discurso reportado. Nesse sentido, foram identificados os textos com e sem ocorrência de relato de discurso e, nestes últimos, foram observados três parâmetros caracterizadores destas produções: que tipos de discurso reportado são escolhidos; que configurações enunciativas são utilizadas; que verbos *dicendi* são selecionados. Os resultados são apresentados em gráficos de frequências relativas, para uma melhor comparação entre os dois grupos de proficiência linguística.

3. Análise dos resultados

A primeira tarefa na análise do *corpus* acima referido foi, portanto, a da identificação de todos os exemplos de relato do discurso. Para tal, foram extraídas, de todas as produções,

estas ocorrências textuais. Nesta tarefa, verificou-se que elas não estavam presentes em todos os textos. Apesar de o tema solicitado para as redações apontar sempre, de alguma forma, para um relato de experiências vividas (reais ou eventualmente parcialmente fictícias), os informantes nem sempre incluíam relato de discurso nos seus textos. No gráfico 5, verificamos que os informantes chineses utilizaram mais este recurso do que os polacos e, no gráfico 6, observa-se que a um maior grau de proficiência linguística correspondeu uma maior tendência para a inclusão de relato do discurso nas narrativas.

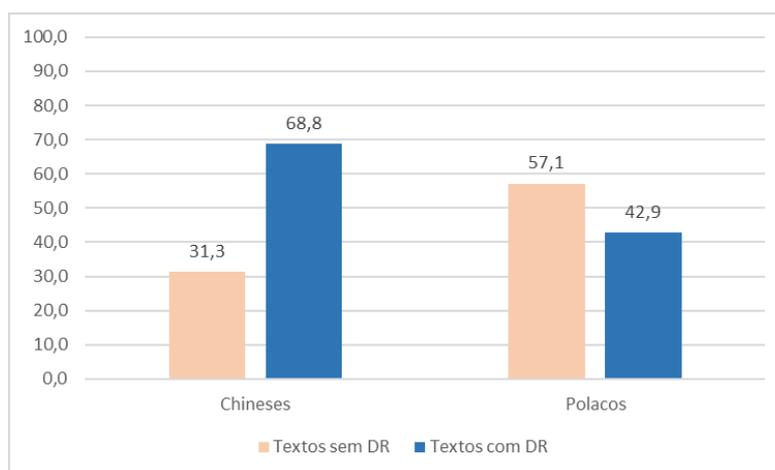


Gráfico 5 – Percentagens, em cada grupo, de textos com e sem discurso reportado (resultados por língua materna)

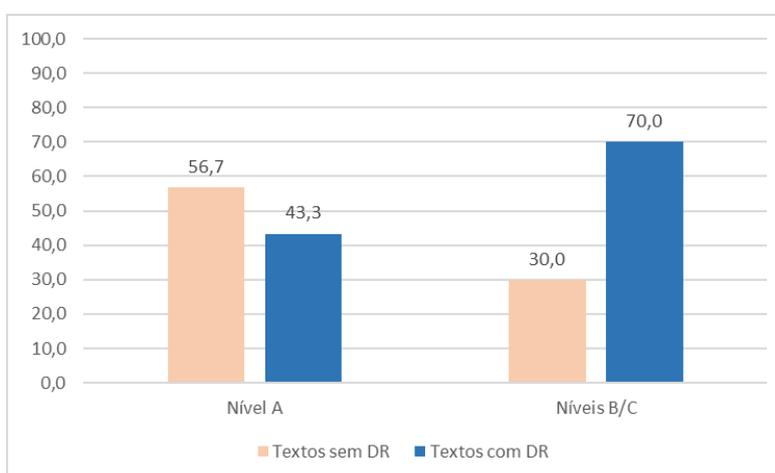


Gráfico 6 – Percentagens, em cada grupo, de textos com e sem discurso reportado (resultados por níveis de proficiência linguística)

Da observação destes primeiros resultados, salienta-se a grande subida na percentagem de textos com relato de discurso nos níveis de maior proficiência linguística. Uma explicação poderá ser o trabalho que os professores, nesse percurso de ensino-aprendizagem, fazem com os estudantes no domínio deste recurso textual, bem como as

leituras de texto narrativo, nomeadamente pequenas narrativas como contos, que fazem usualmente parte dos materiais do aprendente e que podem, como já referido, funcionar como textos mentores da aprendizagem. Na oralidade, nas aulas de PLE, esta questão também vai sendo progressivamente abordada (ver, por exemplo, Ferreira & Silva, 2018), pelo que os aprendentes iniciantes poderão ainda não demonstrar o suficiente à-vontade na sua produção.

Apresentam-se, em seguida, os resultados da análise dos textos com presença de relato de discurso. Trata-se de um subcorpus com um total de 34 textos, sendo 13 de nível A e 21 de nível B ou C. Por línguas maternas, a amostra divide-se em 22 textos escritos por aprendentes chineses e 12 por polacos. Grande parte dos textos continha mais do que uma ocorrência de discurso relatado, pelo que o total de ocorrências analisadas foi de 74 relatos de discurso, sendo 26 de nível A e 48 de nível B ou C. Por línguas maternas, a amostra divide-se em 46 relatos de discurso produzidos por aprendentes chineses e 28 por polacos.

Uma vez que o total de ocorrências, em cada agrupamento de variáveis, não é o mesmo, os resultados apresentados nos gráficos 7 a 10 são calculados em percentagens relativamente a cada grupo analisado.

3.1. Os tipos de discurso reportado no *corpus*

Relativamente ao nosso primeiro parâmetro de análise, utilizaremos, como referencial teórico, a tipologia de Leech & Short (2007), acima apresentada no quadro 1. Os resultados globais desta triagem estão patentes nos gráficos 7 e 8.

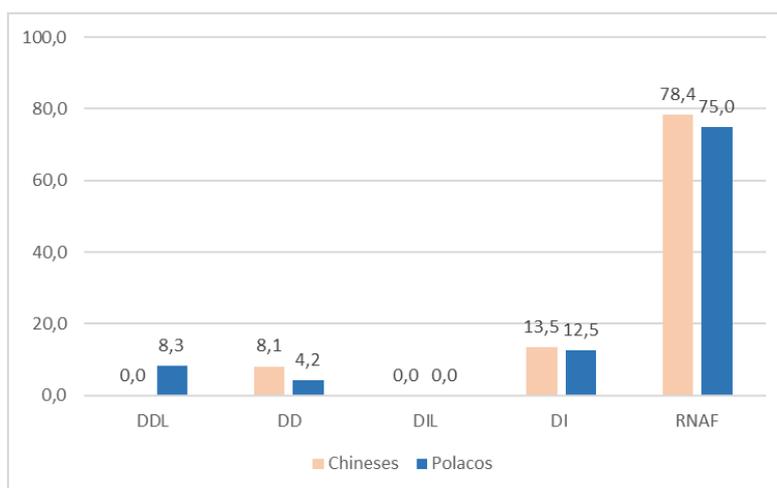


Gráfico 7 – Percentagens dos diversos tipos de discurso reportado (resultados por língua materna)

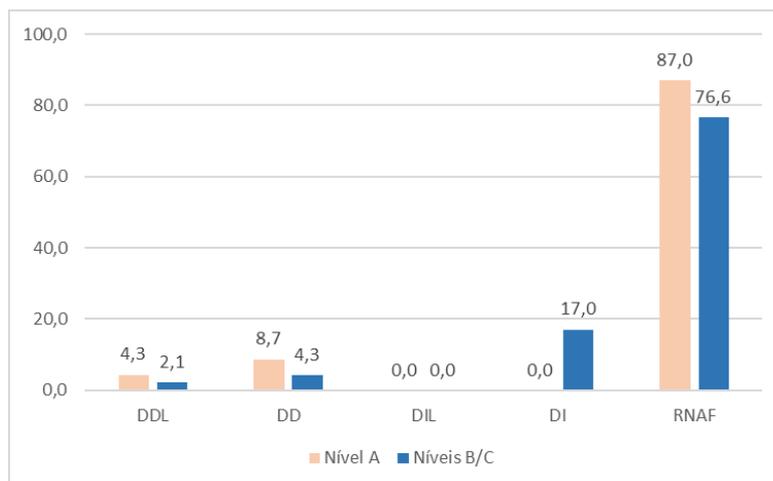


Gráfico 8 – Percentagens dos diversos tipos de discurso reportado (resultados por níveis de proficiência linguística)

Teceremos, de seguida, algumas considerações sobre os resultados obtidos. Os exemplos que a seguir se apresentam, bem como no ponto seguinte, foram todos retirados do corpus PEAPL2, já referido, mantendo os erros gramaticais e ortográficos dos textos originais, tal como se apresentam na base de dados. Deles não daremos aqui conta, por falta de espaço e por sair do escopo do presente trabalho. No final do presente artigo, identificam-se as fontes de todos os excertos selecionados.

Percorrendo todas as ocorrências da amostra analisada, identificámos a presença, embora muito pouco frequente, de discurso direto livre. Veja-se o seguinte exemplo, em que a palavra citada não é destacada graficamente, nem por aspas, nem por dois pontos ou parágrafo e travessão.

(1) *Ele perguntar me e eu respondi-lhe sim.*

Com mais ocorrências, embora também pouco frequentes, encontramos exemplos de discurso direto, com explicitação do verbo introdutor de discurso e com o destaque gráfico das palavras citadas, como acontece nos seguintes excertos do *corpus*:

(2) *Depois prepararam o jantar e disse-me “Não faz mal”.*

(3) *Mas a senhora da loja disse-me “Este marca é mais caro. Não troca outro?”*

Não foi encontrado nenhum caso de discurso indireto livre no *corpus*. Uma possível explicação é a constatação de que se trata de um fenómeno se não exclusivo, pelo menos predominantemente literário, já que “a sua natureza enunciativa convoca a ficcionalidade, hoje reconhecida como um traço específico do literário” (Duarte, 1999 p. 19).

Com uma frequência maior, com percentagens aproximadas nos dois grupos de estudantes por língua materna, encontramos o discurso indireto. Interessante é a observação de que todas as ocorrências deste tipo de discurso reportado foram produzidas pelos estudantes de maior proficiência linguística, não havendo nenhuma ocorrência nos textos produzidos por informantes de nível C. Esta situação pode ser explicada pelo facto de que o discurso indireto, ao contrário do direto, implica uma complexa transposição de marcadores deícticos e adaptação de todo o sistema flexional à nova situação de comunicação, o que exige um maior domínio de diversos níveis de análise linguística, como atestam os seguintes exemplos do *corpus*:

- (4) *Há quem diga que a vida na cidade é agitada*
- (5) *disseste-me que estavas um pouco mal-disposto,*
- (6) *o senhorio sempre reclamou que o espaço público seja sujo*

No entanto, o tipo mais frequente, por uma larga margem, é sem dúvida o relato de ato de fala. Nesta modalidade de relato, o enunciador não chega a transmitir propriamente as palavras presentes no discurso citado, mas apenas transmite que tipo de ato de fala foi originalmente realizado:

- (7) *Eu falei com eles da minha situação.*
- (8) *conversámos para decidimos onde iamos a seguinte.*
- (9) *Os residentes também criticaram uns com os outros até que perderam a amizade.*

Esta opção pode ser explicada uma vez que, frequentemente na narrativa o importante será a força ilocutória do discurso mais do que o respetivo conteúdo proposicional, ou simplesmente, o importante é mencionar que o ato de fala ocorreu. Ao mesmo tempo, como já referido, o relato de ato de fala funciona como um sumariador ou encapsulador de um ato ilocutório original ou mesmo de toda uma interação dialógica com diversos interlocutores, como é o caso do exemplo (8) acima apresentado. Por todos estes motivos, e também porque se apresenta gramaticalmente pouco complexo, este foi o tipo de relato de discurso mais frequente nos textos dos nossos informantes.

3.2. As configurações do discurso reportado no *corpus*

O nosso segundo parâmetro de análise diz respeito à configuração do discurso reportado em termos da transposição, para o discurso presente, dos intervenientes na situação de enunciação do discurso original. Para tal, propusemos acima, no ponto 1.3, uma tipologia de 10 diferentes configurações dos enunciados reportados (que denominámos de E1 a E10, como exposto na figura 2 e quadro 2), conforme a relação locutor-alocutário da

situação dialógica original é vista à luz da situação de enunciação atual. Os resultados globais obtidos estão patentes nos gráficos 9 e 10, respetivamente apresentados relativamente aos agrupamentos por língua materna e por nível de proficiência linguística.

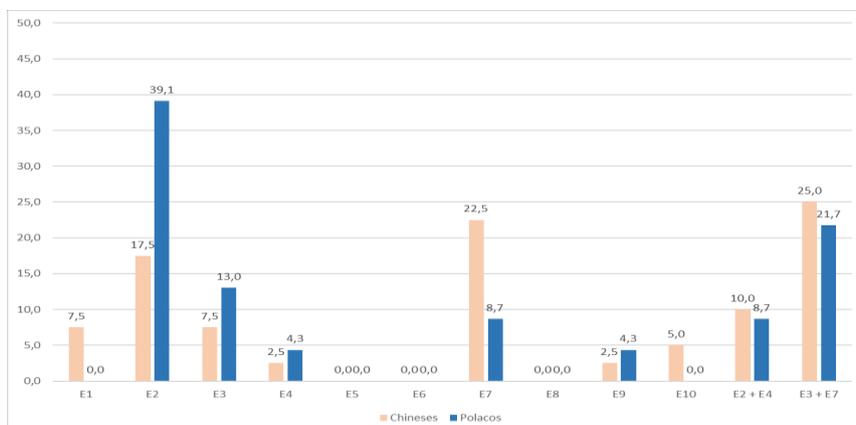


Gráfico 9 – Percentagens das diversas configurações de relato de discurso (resultados por língua materna)

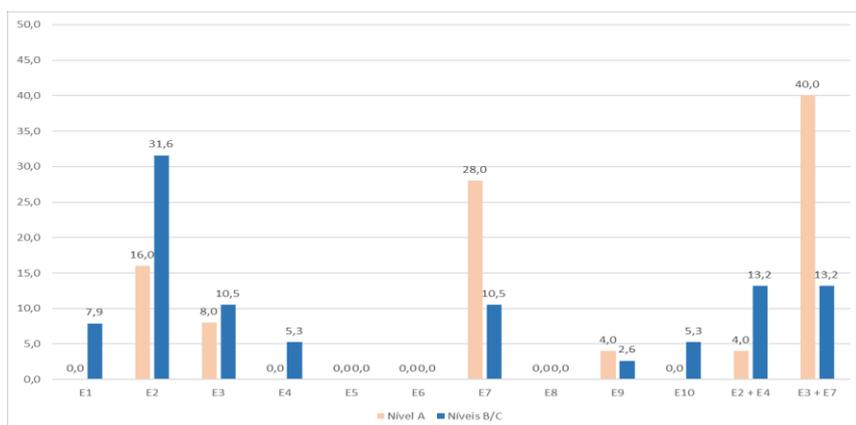


Gráfico 10 – Percentagens das diversas configurações de relato de discurso (resultados por níveis de proficiência linguística)

Os resultados mostram-nos uma grande variabilidade, em termos quantitativos, no peso de cada uma das configurações identificadas.

Globalmente, a configuração mais frequente foi a E2 (eu-tu), na qual temos uma situação em que o locutor relata ao seu alocutário um enunciado em que ambos desempenham esses mesmos papéis na enunciação citada. Esta configuração do discurso reportado é muito utilizada quando se pretende reavivar a memória do ouvinte sobre um ato de fala passado que o locutor lhe endereçou ou quando remete para uma futura comunicação que lhe tenciona endereçar. Nesta configuração do discurso reportado, os deícticos pessoais permanecem, naturalmente, inalterados:

- (10) *Quem me dera que estivesses agora ao meu lado para eu te dizer o que me aconteceu nos dois meses passados.*
 (11) *O tempo passa com presa, no início de Junho, conto-te mais sobre a minha vida cá*
 (12) *Tantas coisas para te contar que gostaria ficar contigo por dias inteiros a falar, como antigamente.*

Em segundo lugar, no *corpus* estudado, encontra-se uma configuração em que o verbo *dicendi* remete para uma troca dialógica do locutor atual com uma terceira pessoa. Encontramos aqui verbos como “conversar” e “falar com”, que concentram, num único relato, as duas direcionalidades da troca linguística, daí, no gráfico, termos colocado E3+E7 (eu-ele + ele-eu). Quando o verbo vem no plural, a deixis pessoal remete para um nós exclusivo, ou seja, que não inclui o alocutário.

- (13) *posso de conversar com os meus amigos que vivem nos outros países.*
 (14) *Depois as aulas, eu volto para casa para surf o Internet, e falo com os meus amigos.*
 (15) *Conversamos para um pouco de tempo e depois, vou dormir.*

Em terceiro lugar, em termos de frequência, vem a configuração E7 (ele-eu), em que o locutor, na presente enunciação, tipicamente relata algo que alguém lhe terá dito:

- (16) *Como disse a XXX, que me visitou naquela altura, comparando a Queima com o festival na nossa cidade, Crácvia parece “um jardim de infância”.*
 (17) *Alguém disse-me que parecia uma mulher doméstica.*
 (18) *Era uma vez, a minha mãe mandou-me comprar umas garafas de água.*

Seguidamente e com o mesmo número de ocorrências, encontramos as configurações E3 e E2+E4. Na possibilidade E3 (eu-ele), o locutor primário relata as palavras que ele próprio dirige ou dirigiu a uma terceira pessoa:

- (19) *e eu respondi-lhe sim.*
 (20) *eu contei-lhe as nossas aventuras na Inglaterra do ano passado.*
 (21) *posso contactar muitas pessoas diferentes*

Já a combinatória E2+E4 (eu-tu + tu-eu) é semelhante à E3+E7 acima apresentada, com a diferença de que, desta vez, se evocam trocas dialógicas ocorridas com o presente alocutário e, portanto, quando a primeira pessoa do plural ocorre, trata-se agora de um nós inclusivo:

- (22) *Ainda me lembro da noite de Setembro quando [nós] estivemos juntos no restaurante “Le Petit Gourmet”, conversando, rindo, desabafando... tudo.*
 (23) *[nós] Andámos a conversar até muito tarde porque no dia seguinte, eu iria para Portugal e só voltaria oito meses depois.*
 (24) *Ontem, conversaste comigo no MSN*

Com baixa frequência, temos exemplos das configurações E1 (eu-eu), em que o locutor tipicamente relata o seu próprio pensamento, as suas meditações, o seu discurso interno, como é o caso do exemplo (25); E4 (tu-eu), em que o locutor remete para uma mensagem que o alocutário lhe dirigiu, como no exemplo (26); E9 (ele-ele mesmo), em que o relato é o do discurso interior de uma terceira pessoa, caso do exemplo (27); e E10 (ele-ele outro), em que o locutor remete para uma enunciação que alguém dirigiu a um outro alguém, como acontece em (28).

(25) *Estou sempre a pensar como é que os portugueses conseguem fazer um estilo tão maravilhoso!*

(26) *disseste-me que estavas um pouco mal-disposto,*

(27) *a minha mãe pensa que não é sandavél.*

(28) *principalmente os professores falam sobre Cultura portuguesa nas aulas*

Não encontramos nenhum caso das seguintes configurações: E5, referente ao discurso interno do alocutário; E6, sobre a direção tu-ele; nem E8 a configuração ele-tu. Em comum, todas estas possibilidades têm a presença, como um dos interlocutores do discurso secundário, do alocutário da situação de comunicação atual e a ausência de envolvimento, nessas mesmas situações comunicativas, do locutor atual. A combinatória destas duas características explica que tais configurações obviamente sejam raras.

A observação do gráfico 10 acima apresentado, mostra-nos algumas discrepâncias nos resultados dos informantes iniciantes em relação aos mais proficientes. Os primeiros utilizaram mais as configurações E7 (ele-eu) e E3+E7 (eu-ele + ele-eu), ou seja, tenderam a reportar situações de comunicação em que eles próprios estiveram envolvidos com terceiras pessoas, não correferentes com o alocutário da situação de comunicação primária. Já no grupo dos falantes mais proficientes verifica-se um predomínio de E2 (eu-tu), em que o locutor evoca trocas dialógicas em que o presente alocutário esteve envolvido. Uma possível explicação prende-se com o género de texto solicitado. Uma das possibilidades, no *corpus*, era a redação de uma carta a um amigo sobre momentos passados em conjunto. Pertencem a este género 5 produções de informantes iniciais e 8 produções de informantes mais proficientes.

Mais importante do que as diferenças quantitativas dentro de cada categoria, talvez seja a análise da quantidade de categorias diferentes observada em cada um destes grupos. E aqui os resultados apontam para uma maior variedade de configurações diferentes no grupo mais proficiente. De facto, enquanto que os estudantes dos níveis B e C apresentam um total de 9 configurações diferentes nas suas produções escritas, os aprendentes iniciais, do nível A, apenas apresentam 6.

3.3. Os verbos *dicendi* utilizados no discurso reportado no *corpus*

Fazendo o levantamento de todos os verbos *dicendi* presentes no *corpus* analisado, podemos também referir interessantes observações. Primeiramente, calculámos a taxa de verbos *dicendi* por texto, dentro de cada agrupamento de informantes. Ou seja, aferiu-se, em média, quantos destes verbos surgem, por texto, no conjunto de produções escritas em que os nossos informantes incluíram relatos de discurso. Os resultados são apresentados nos gráficos 11 e 12.

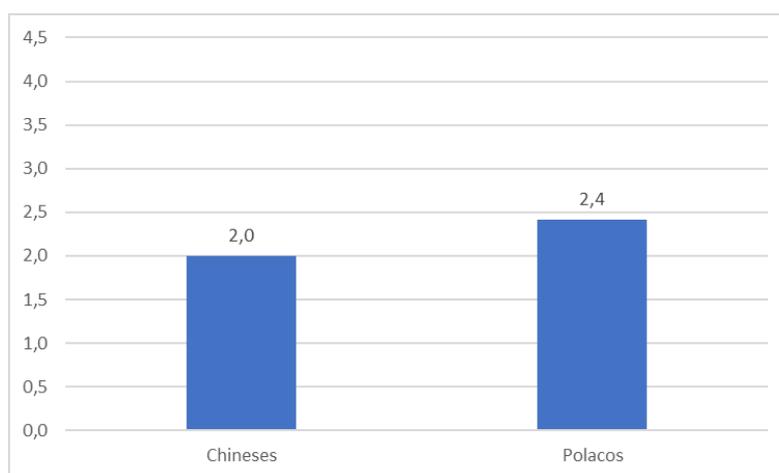


Gráfico 11 – Taxa de verbos *dicendi* por texto com relato de discurso (resultados por língua materna)

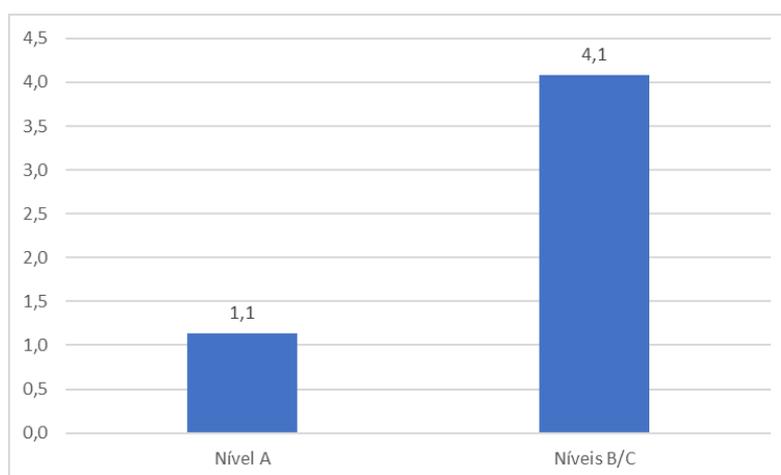


Gráfico 12 – Taxa de verbos *dicendi* por texto com relato de discurso (resultados por níveis de proficiência linguística)

Observando os dados, podemos concluir que geralmente os textos que incluem relato de discurso apresentam mais do que um destes verbos, ou seja, tendem a reportar mais do

que uma situação comunicativa, já que todos os resultados são superiores a 1. Interessante é observar que, enquanto que as diferenças destas taxas entre os agrupamentos por língua materna não são muito grandes, elas são, pelo contrário, muito acentuadas quando comparamos o grupo dos informantes iniciantes com o dos proficientes. De facto, o gráfico 12 mostra claramente que os textos dos alunos mais proficientes utilizam muito maior quantidade de verbos *dicendi* por texto. Enquanto os primeiros se ficam por um verbo por texto, os segundos utilizam quatro, ou seja, o quádruplo. Esta enorme discrepância pode ser explicada pelo maior à vontade com que os alunos mais avançados utilizam este recurso textual, mas também pelo facto de conseguirem redigir textos mais extensos e, portanto, com maior quantidade de ocorrências linguísticas. Assim, interessou-nos também determinar a variedade de verbos de relato encontrados. O seu levantamento encontra-se patente nos quadros 4 e 5.

Verbo de relato	Chineses	Polacos	Verbo de relato	Chineses	Polacos
achar	2	0	Dizer	8	5
ameaçar	1	0	Escrever	1	3
comentar	1	0	Falar	8	7
contactar	1	0	Mandar	1	0
contar	2	3	Pensar	4	1
conversar	11	2	perguntar	0	3
criticar	1	0	praticar (língua)	0	2
dar parabéns	1	0	reclamar	1	0
decidir	1	0	responder	0	1
desabafar	1	0	telefonar	1	1
			TOTAL:	46	28

Quadro 4 – Frequências absolutas dos verbos de relato presentes no *corpus* (resultados por língua materna)

Verbo de relato	Nível A	Níveis B/C	Verbo de relato	Nível A	Níveis B/C
achar	1	1	Dizer	3	10
ameaçar	0	1	Escrever	0	4
comentar	0	1	Falar	8	7
contactar	0	1	Mandar	1	0
contar	0	5	Pensar	1	4
conversar	7	6	Perguntar	1	2
criticar	0	1	praticar (língua)	0	2
dar parabéns	0	1	Reclamar	0	1
decidir	1	0	Responder	1	0
desabafar	0	1	Telefonar	2	0
			TOTAL:	26	48

Quadro 5 – Frequências absolutas dos verbos de relato presentes no *corpus* (resultados por níveis de proficiência linguística)

Para uma melhor visualização das diferenças obtidas entre a quantidade de diferentes verbos *dicendi* utilizados, elaboraram-se os gráficos 13 e 14, a seguir apresentados.

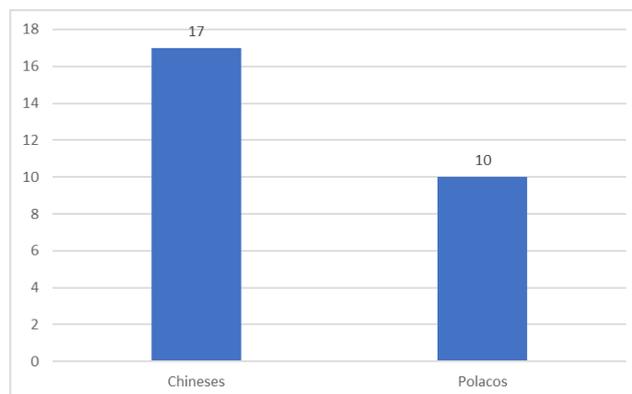
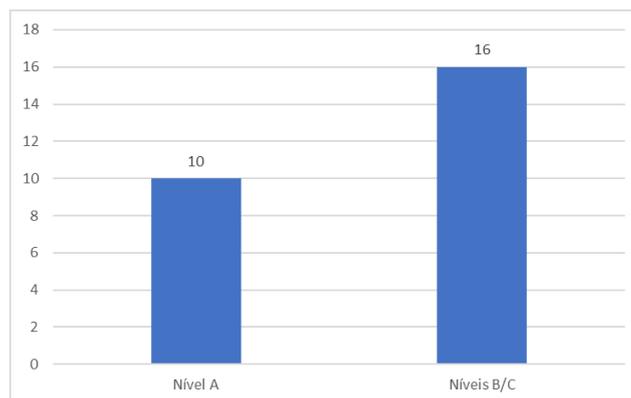


Gráfico 13 – O número de diferentes verbos de relato (*types*) (resultados por língua materna)



Gráficos 14 – O número de diferentes verbos de relato (*types*) (resultados por níveis de proficiência linguística)

Os resultados superiores nos grupos dos informante chineses, no gráfico 13, e dos informantes mais proficientes, no gráfico 14, dever-se-á certamente, pelo menos em parte, ao facto de que são estes os grupos que produziram maior quantidade deste tipo de verbos. No entanto, a maior diversidade vocabular do grupo proficiente também poderá ser explicada pelo maior domínio do vocabulário, dada a maior experiência de aprendizagem de PLE. A diversidade de verbos introdutores de relato de discurso será uma das questões a ser trabalhada nesta aprendizagem. Na realidade, um dos problemas que se coloca à tarefa escolar de escrita de narrativas com falas de personagens é precisamente o da “pobreza lexical dos verbos que introduzem relato de discurso das personagens” (Duarte, 2001, p. 126). O trabalho a este nível produzirá, sem dúvida, textos mais expressivos e variados.

Notas conclusivas

A abordagem, nas aulas de PLE, de um tema tão complexo como é o do relato do discurso implicará uma análise crítica da forma como este tem vindo a ser trabalhado. Recentes propostas utilizando metodologias comunicativas e conhecimentos linguístico-discursivos atualizados (ver, por exemplo, Silva & Duarte, 2021) constituem excelentes achegas nesse sentido. Não tendo esse sido o objetivo da presente pesquisa, mas tão somente o de comparar grupos de estudantes de PLE em diferentes fases de proficiência, podemos afirmar que se confirma essa necessidade.

Na presente pesquisa, foram apontadas pistas no sentido da caracterização do discurso relatado quanto ao tipo de discurso, configuração enunciativa e variedade de verbos *dicendi*. Todas estas dimensões são passíveis de trabalho em contexto de aprendizagem do PLE.

A proposta de atividades didáticas para trabalhar em sala de aula o discurso relatado é um campo sempre em aberto, embora existam já interessantes propostas na literatura disponível, como é o caso de Romero (1994), Duarte (2001), Monteiro (2014), Ferreira & Silva (2018), Silva & Duarte (2021), entre muitos outros. Todas as achegas que venham ainda, nesse sentido, a ser produzidas serão certamente bem-vindas, quer pelos professores, quer pelos aprendentes de PLE, a quem toda a investigação nesta área é, em última análise, dedicada.

Fontes dos excertos exemplificativos

Ficheiros do *corpus* PEAPL2 (cf. Martins *et al.*, 2019) fontes dos 28 exemplos apresentados no presente artigo:

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| (1) pol_A_CA.A1.08.6.1B_pea | (15) chi_A_CF.A2.01.33.1J_pea |
| (2) chi_A_CA.A1.01.77.3T_pea | (16) pol_B_ER.B2.68.6.1B_pea |
| (3) chi_A_CA.A1.01.77.3T_pea | (17) chi_B_CA.B1.07.33.1J_pea |
| (4) chi_C_CA.C1.04.69.3Q_pea | (18) chi_A_CA.A1.01.77.3T_pea |
| (5) chi_C_CA.C1.17.6.1B_pea | (19) pol_A_CA.A1.08.6.1B_pea |
| (6) chi_B_CA.B1.12.77.3T_pea | (20) pol_B_ER.B1.58.6.1B_pea |
| (7) chi_A_CA.A1.01.77.3T_pea | (21) chi_B_CA.B1.05.52.2L_pea |
| (8) chi_A_CA.A2.82.75.3S_pea | (22) chi_C_CA.C1.17.6.1B_pea |
| (9) chi_B_CA.B1.12.77.3T_pea | (23) chi_C_CA.C1.17.6.1B_pea |
| (10) chi_C_CA.C1.17.6.1B_pea | (24) chi_C_CA.C1.17.6.1B_pea |
| (11) chi_C_CA.C1.02.6.1B_pea | (25) chi_B_CA.B1.06.52.2L_pea |
| (12) chi_C_CA.C1.07.6.1B_pea | (26) chi_C_CA.C1.17.6.1B_pea |
| (13) chi_A_CF.A2.01.33.1J_pea | (27) pol_A_ER.A2.40.55.2M_pea |
| (14) chi_A_CF.A2.12.33.1J_pea | (28) chi_B_CA.B1.05.52.2L_pea |

Referências

- Araújo, S. & Trabulo, P. (2014). Da linguística de *corpus* ao ensino/aprendizagem de línguas: da teoria à prática. *Revista de Letras*, II(13), 7-21.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Edição portuguesa*. Edições Asa. Disponível em: http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf (acedido em dezembro de 2021).

- Coracini, M. J. (2017). Aspectos linguístico-culturais na relação com o outro: Construção da identidade de sujeitos em situação de rua. In B. Brait, A. S. Magalhães & A. P. P. F. Silva (eds.). *De volta ao futuro da língua portuguesa. Simpósio 49 - Língua, discurso, identidade* (pp. 1947-1959). Università del Salento.
- Corbari, A. T. & Ramos, Q. C. M. (2018). Verbos dicendi na notícia: pontos de um continuum argumentativo na construção da intertextualidade. *Fórum Linguístico*, 15(1), 2903-2023.
- Carvalho, A. G. & Nascimento, E. P. (2019). Discurso relatado à luz da Semântica Argumentativa e da Gramática Normativa. *Entrepalavras*, 9(2), 237-255.
- Coimbra, R. L. (2009). *Apontamentos de Linguística Textual*. Universidade de Aveiro (texto policopiado).
- Costa, B. F. S. & Freitas, C. (2017). Verbos de elocução em português: um estudo descritivo com base em grandes corpora e motivado pela linguística computacional. *Fórum Linguístico*, 14(3), 2266-2285.
- Duarte, I. (1999). *O relato de discurso na ficção narrativa: contributos para a análise da construção polifónica de "Os Maias" de Eça de Queirós* [Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=11137&pi_public_r1_id= (acedido em dezembro de 2021).
- Duarte, I. M. (2001). Do saber ao ensinar: em torno dos verbos introdutórios de discurso relatado. In F. Fonseca, I. Duarte & O. Figueiredo (eds). *A linguística na formação do professor de português* (pp. 125-134). Universidade do Porto.
- Faber Benítez, P. & Sánchez Martínez, J. (1990). Semántica de protótipos: el campo semántico de los verbos que expresan la manera de hablar frente al de los verbos de sonido en inglés y español. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, 6, 19-29.
- Ferreira, A. & Silva, F. (2018). O relato de discurso como estratégia de desenvolvimento da competência oral no ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira. *Revista Entre Línguas*, 4(1), pp. 58-80.
- Freitas de Jesus, B. (2016). *O dizer em português: diálogos entre tradução, descrição e linguística computacional* [Dissertação de Mestrado. PUC Rio de Janeiro]. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_e3beae3d87ab21083272c7e55b297434 (acedido em dezembro de 2021).
- Günthner, S. (1999). Polyphony and the “layering of voices” in reported dialogues. An analysis of the use of prosodic devices in everyday reported speech. *Journal of Pragmatics*, 31, 685-708.
- Leech, G. N. (1983). *Principles of pragmatics*. Longman.
- Leech, G. N. & Short, M. H. (2007). Speech and thought presentation. In G. N. Leech & M. H. Short (eds.). *Style in fiction. A linguistic introduction to English fictional prose* (pp. 255-281). Pearson/Longman.

- Levin, B. (1993). *English verb classes and alternations. A preliminary investigation*. The University of Chicago Press.
- Marques, M. E. R. (1996). *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Universidade Aberta.
- Martins, C., Ferreira, T., Siteo, M., Abrantes, C., Janssen, M., Fernandes, A., Silva, A., Lopes, I., Pereira, I., & Santos, J. (2019). *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2): Subcorpus Português Língua Estrangeira*. CELGA-ILTEC. Disponível em: <http://teitok2.iltec.pt/peapl2-ple/index.php?action=home> (acedido em dezembro de 2021).
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I. & Faria, I. H. (1992). *Gramática da Língua Portuguesa*. Editorial Caminho.
- Monteiro, N. M. C. (2014). *O relato de discurso no ensino do PLE: um caso em estudo* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80999> (acedido em dezembro de 2021).
- Moreno, A. (2014). Le discours rapporté dans l'interaction : proximité et variabilité. *SHS Web of Conferences*, 8, 1685-1699.
- Neves, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. Editora Unesp.
- Nigro, P. & Tonelli, V. (2013). Los verbos de decir y valor argumentativo en noticias de los diarios de distribución gratuita de la ciudad de Buenos Aires. *Ecos de la Comunicación*, 6(6), 37-49. Disponível em <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/6878/1/verbos-decir-valor-argumentativo.pdf> (acedido em dezembro de 2021).
- Oliveira, H. J. C. (1995). *Elementos de Gramática da Comunicação*, vol. 2. FEDRAVE.
- Projeto AC/DC: corpo Colonia (2021). Disponível em: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=COLONIA> (acedido em dezembro de 2021).
- Reyes, G. (1995). *Los procedimientos de cita: estilo directo y estilo indirecto*. Arco Libros.
- Rocha, L. F. M. (2003). Tendências prosódicas e interacionais do discurso reportado: uma abordagem sociocognitivista. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, 7(1/2), 247-262.
- Rocha, L. F. M. (2014). Autocitação fictiva em português europeu e brasileiro. *Alfa*, 58(1), 63-92.
- Romero, M. V. (1994). Estilo directo e indirecto en las funciones comunicativas e informativas. In S. Montesa Peydró & A. Garrido Moraga (coords.), *Actas del Segundo Congreso Nacional de ASELE: español para extranjeros: didáctica e investigación* (pp. 285-292). Centro Virtual Cervantes.
- Silva, P. N. (2012). *Tipologias textuais. Como classificar textos e sequências*. Almedina.

- Silva, M. F. H. & Duarte, I. M. (2021). Revisitação do discurso relatado no ensino-aprendizagem do PLE: proposta de uma abordagem comunicativa. In A. Ciama & A. Teletin (eds). *Tempo, espaço e identidade na cultura portuguesa. 40 anos de Estudos Lusófonos na Roménia: perspectivas e desafios* (pp. 502-517). Editura Universitatii din Bucuresti.
- Zampieri, M. & Becker, M. (2013). Colonia: Corpus of Historical Portuguese. In: M. Zampieri & S. Diwersy (eds.). *ZSM Studien, Special volume on non-standard data sources in corpus-based research*, 5. Shaker. Disponível em:
<https://mzampieri.com/papers/colonia2013.pdf> (acedido em dezembro de 2021).